

PERCEPÇÕES DE MULHERES DA MESMA FAMÍLIA E DE DIFERENTES GERAÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Jéssica Suellen Barbosa Mendes Ramos (1); Michelle Araújo Moreira (1)

Universidade Estadual de Santa Cruz, jsuellen7@gmail.com, michellepedro@uol.com.br

Resumo

A violência contra mulher é um fenômeno mundial que acomete milhares de mulheres todos os anos dentro ou fora do ambiente familiar e permanece arraigada, muitas vezes, ao longo das gerações. O estudo teve como objetivos analisar a percepção de mulheres da mesma família e de diferentes gerações sobre a violência contra a mulher, conhecer a percepção de mulheres da mesma família e de diferentes gerações sobre violência contra a mulher, levantar as experiências ou vivências de mulheres da mesma família e de diferentes gerações sobre a violência contra a mulher, e compreender a influência familiar e geracional na percepção de violência entre mulheres da mesma família. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, desenvolvida no município de Ilhéus-Bahia, com mulheres de uma mesma família e de diferentes gerações. As participantes foram selecionadas mediante a técnica de *Snowball* (Bola de Neve) e responderam a uma entrevista semiestruturada. O material coletado foi analisado, através da técnica de análise de conteúdo temática proposta por Bardin. Evidenciou-se que, as violências sofridas pelas mulheres no decorrer das suas gerações foram justificadas por características biológicas, psicológicas e familiares. Contudo, há uma mudança gradativa na percepção de violência, momento em que se verifica que as gerações mais novas rompem o ciclo de violência, demonstrando maior empoderamento quando comparadas às gerações predecessoras. Com isso, nota-se que as mulheres das primeiras gerações tendem a naturalizar a violência, o que não acontece de forma tão intensa com as gerações sucessoras em decorrência do maior empoderamento feminino.

Palavras-chave: Violência contra a mulher, Relações familiares, Enfermagem.

Introdução

A violência contra a mulher representa um fenômeno mundial que acomete milhares de mulheres todos os anos, sem distinção de geração, cor/etnia, classe social e/ou religião. Nesse sentido, tal processo consiste em qualquer ato violento baseado no gênero, podendo relacionar-se a opressão masculina em ambientes públicos ou privados que resultem ou possam resultar em danos físicos, psicológicos, sexuais e sociais (SILVA; OLIVEIRA, 2015).

Dessa forma, evidencia-se ainda que a violência contra a mulher possui uma multiplicidade de fatores como os de caráter biológico, psicossocial, socioeconômico, comunitário e familiar. A convivência em um ambiente violento e a transmissibilidade de valores intergeracionais de opressão e/ou submissão no desenvolvimento dos sujeitos pode influenciar na continuidade ou não do processo de violência no seio familiar (SILVA; VALADARES; SOUZA, 2013).

Tais dados reafirmam a cultura patriarcal, machista e androcêntrica que pode disseminar-se ao longo das gerações. Portanto, torna-se necessário entender os mecanismos intergeracionais no seio familiar, especialmente aqueles ligados ao conjunto de heranças sociais, históricas, e culturais que

determinam a desvalorização da mulher, a repetição de comportamentos violentos e o mito de soberania do homem (RAZERA; CENCI; FALCKE, 2014).

Com isso, surgiram alguns questionamentos: Quais as percepções de mulheres da mesma família e de diferentes gerações sobre a violência contra a mulher? Quais as experiências ou vivências sobre violência que as mulheres de diferentes gerações possuem no seio familiar?

Para responder a tais indagações, definiu-se o objetivo geral: Analisar a percepção de mulheres da mesma família e de diferentes gerações sobre a violência contra a mulher e como objetivos específicos: Conhecer a percepção de mulheres da mesma família e de diferentes gerações sobre a violência contra a mulher, levantar as experiências ou vivências de mulheres da mesma família e de diferentes gerações sobre a violência contra a mulher e compreender a influência familiar e geracional na percepção de violência entre mulheres da mesma família.

Por fim, acredita-se que o estudo possa evidenciar a influência da transmissibilidade geracional na percepção da violência contra a mulher, oportunizando que profissionais da saúde e de áreas afins possam trabalhar em rede para o enfrentamento da violência a partir do constructo das próprias mulheres no espaço familiar.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, desenvolvida no município de Ilhéus, localizado no litoral sul da Bahia.

As participantes selecionadas foram 15 mulheres (5 famílias distintas) que atenderem aos seguintes critérios de inclusão: ser maior de 18 anos; ter filha e neta vivas (específico para a 1ª geração); ter mãe ou sogra e filha vivas (específico para a 2ª geração); ter mãe ou sogra e avó materna ou paterna vivas (específico para a 3ª geração); residir no município de Ilhéus; ter relação de consanguinidade e/ou afetividade com as mulheres da mesma família e de gerações diferentes; conviver em proximidade física com as mulheres da mesma família e de diferentes gerações.

Conseqüentemente, o critério de exclusão foi: ter alguma doença mental que impossibilite a participação no estudo; ser cliente cadastrada e acompanhada por serviços especializados de violência como o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS).

A coleta dos dados somente aconteceu após aprovação plena pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), sob o número de parecer 2.102.578, e total entendimento dos objetivos da pesquisa pelas participantes, sendo realizada no domicílio das mesmas ou qualquer lugar de sua escolha, de acordo com a disponibilidade e

mediante a sua prévia autorização por escrito, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Destaca-se que para a escolha das depoentes foi utilizada à técnica de “*Snowball*”. Essa técnica é conhecida no Brasil como “Amostragem em Bola de Neve”, “Bola de Neve” e ainda “cadeia de informantes”. Assim, após a seleção das depoentes, foi realizada uma entrevista semiestruturada com base em um roteiro com perfil sociodemográfico e perguntas abertas relacionadas à temática. A pesquisadora gravou as entrevistas em gravador portátil. O material empírico coletado foi analisado, através da técnica de análise de conteúdo proposta por *Bardin* e permanecerá sob posse da pesquisadora por cinco anos. Ademais, para promover o anonimato das participantes e das informações adquiridas, as depoentes serão identificadas por nome de deusas gregas.

O estudo atendeu todas as fases da pesquisa de acordo com a Resolução nº 466/12, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta os estudos com seres humanos, no que tange aos princípios de autonomia, a não maleficência, a beneficência e a justiça (BRASIL, 2012).

Resultados e discussão

As 15 participantes do estudo caracterizavam-se por possuir faixa etária de 76 a 90 anos (1ª geração), seguidos de 47 a 63 anos (2ª geração) e 18 a 29 anos (3ª geração). Em relação à ocupação/profissão, percebeu-se que a 1ª geração apresentava mais donas de casa, a 2ª geração possuía professoras e funcionárias do setor público, e na 3ª geração, estudantes.

No que concerne à escolaridade, destacou-se que, na 1ª geração, a maioria das mulheres apresentava ensino médio completo, as da 2ª e 3ª geração possuíam ensino superior completo. No que tange ao estado civil, evidenciou-se um número expressivo de viúvas na 1ª geração, mulheres casadas na 2ª geração e solteiras na 3ª geração.

Nos aspectos relativos à cor/etnia, observou-se, na 1ª e 2ª geração, um número expressivo de mulheres que se autodeclaravam negras. Por outro lado, notou-se que, na 3ª geração, a maioria se autodeclarava não negra. No quesito religião, destacou-se um número expressivo de mulheres católicas em todas as gerações.

De posse do perfil sociodemográfico das cinco tríades, procederam-se as demais etapas da análise que se constituíram por: transcrição das entrevistas, leitura flutuante e atenta com codificação dos significados, resultando nas duas categorias descritas a seguir:

A naturalização ou rompimento da violência contra a mulher ancorada na transmissibilidade familiar e geracional

A violência contra a mulher é um fenômeno resultante de uma hegemonia machista, sexista e hierárquica, consolidada no berço da sociedade patriarcal. Ressalta-se que, o patriarcado é um dos mais antigos sistemas de dominação e exploração humana, momento em que um exerce o papel de opressor e o outro de oprimido (ELIAS, GAUER, 2014). Nesse sentido, as desigualdades existentes a partir da construção social dos gêneros podem contribuir para a naturalização da violência no âmbito do feminino (TAVARES; NERY, 2016), o que pode ser percebido a seguir:

[...] apanhava do marido dentro de casa, o que era comum. Hoje em dia, nêgo passa na rua e sente no direito de mexer com a mulher, de gritar com ela e pegar ela à força para fazer sexo sem ela ter vontade [...] **Selene 1ª Ger.**

[...] antigamente as mulheres eram submissas, porém mais sábias. Hoje elas não admitem nunca que o cara vá contra elas [...] **Héstia 2ª Ger.**

[...] o homem sempre foi chefe da casa. As mulheres eram donas de casa e quem sustentava era o homem, que tem o poder do dinheiro, tem poder sobre os filhos e sobre a mulher [...] **Hera 3ª Ger.**

Visualiza-se que, as depoentes reproduzem os mecanismos do patriarcado em suas percepções geracionais e familiares sobre a violência contra a mulher, diminuindo sua própria autonomia, liberdade e protagonismo social (ROMAGNOLI; ABREU; SILVEIRA, 2013).

Por sua vez, a violência contra a mulher é justificada por pressupostos biológicos, ou seja, mulher como um ser frágil, desprovida de força física e capacidade racional, que por seu espírito doméstico tende a ser mais dominada (BANDEIRA, 2014). Assim, tais características instituídas por um modelo androcêntrico, permitiriam demarcar a violência contra a mulher como uma ação corretiva em virtude da sua natureza irracional e inferior, colocando-a como um ser subordinado às demandas e necessidades do masculino.

Acrescido a isso, as idealizações socioculturais sobre o gênero feminino sustentam e naturalizam a violência cotidiana. Muitas vezes é reservado exclusivamente à mulher o papel de cuidado com os filhos, com o lar, com a família além de outras atividades laborais, revelando a sobrecarga emocional e física a que são submetidas e que lhes foi imputada ao longo do tempo (COSTA; LOPES; SOARES, 2014). Evidencia-se que, as violências sofridas pelas mulheres no decorrer das suas gerações são ancoradas por características biológicas, psicológicas e familiares, como percebida nos discursos a seguir:

[...] mulher só serve para cuidar da casa, dos filhos e do marido, papai falava muito isso [...] **Bia 1ª Ger.**

[...] como a mulher é um ser mais frágil, eles aproveitam disso e batem [...] **Artêmis 2ª Ger.**

[...] é da personalidade da mulher ter medo e ser mais omissa, dela pensar mais na família [...] **Afrodite 3ª Ger.**

Observa-se ainda, que as relações desiguais de poder entre os gêneros contribuem para a ampliação da violência, muitas vezes, por meio de coação, intimidação, manobras e técnicas, que podem ser naturalizadas, absorvidas e reproduzidas entre diversos sujeitos e em períodos distintos (LOURO, 2013). Tais situações podem acontecer nos ambientes públicos ou privados, tendo o segundo maior repercussão na vida das mulheres.

Ressalta-se que, no ambiente privado, a família passa a ser constituída como uma unidade de convivência entre indivíduos ligados por laços de consanguinidade e/ou afetividade (GOIS, 2014). Portanto, a família simboliza o primeiro grupo social dos sujeitos, onde os papéis sociais são ensinados e transmitidos entre as gerações (ELIAS; GAUER, 2014). Nesse espaço ocorre a construção da identidade e estabelecem-se códigos e normas, gerando condutas e comportamentos conscientes ou inconscientes (ALMEIDA; MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2014).

Dessa maneira, a naturalização da violência ou o seu rompimento enquanto ciclo denota as desigualdades nos papéis entre mulheres e homens, como apontados abaixo:

[...] mamãe criou a gente sabendo respeitar o esposo e o esposo respeitar a esposa. Porém respeitar não quer dizer submissão. Respeitei meu ex-esposo, mas quando ele tentou me bater, eu me separei [...] **Febe 1ª Ger.**

[...] aprendi na família que as mulheres nunca devem baixar a crista para os homens e sim enfrentá-los. Se não der mais certo manda embora, a mulher nunca deve ser submissa [...] **Iris 2ª Ger.**

[...] desde criança eu aprendi que isso não deve acontecer de nenhuma forma, nem verbal e nem física, que a mulher merece todo respeito, seja que idade for [...] **Astréia 3ª Ger.**

Nota-se, que as concepções e/ou percepções sobre a violência contra mulher são transmitidas de maneira intergeracional e familiar, ou seja, o material empírico é passado para as gerações mais próximas e posteriormente pode ser ou não modificado para as gerações subsequentes (PAIXÃO et al., 2015). Dessa forma, evidencia-se que as gerações mais novas apresentam um discurso de rompimento do ciclo de violência, demonstrando maior empoderamento quando comparadas às gerações predecessoras, sobretudo porque partilham de momentos históricos e sociais de combate à violência contra a mulher no mundo (OLIVEIRA et al., 2015).

Destaca-se que, tais mudanças refletem o tempo social e político em que viveram. As mulheres da 1ª geração viveram um período de ditadura militar brasileira com extrema submissão feminina, o que dificulta que percebam a violência como algo não naturalizado. Por outro lado, a 2ª geração, “geração de transição”, conviveu com as primeiras políticas públicas que incentivavam a autonomia, o empoderamento da mulher e o rompimento do ciclo de violência, a exemplo da Política de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM) e a Lei nº 11.340 (Lei Maria da Penha), o que oportunizou pensar na violência de maneira mais efetiva. Por fim, a 3ª geração ou “geração mais nova” que vivencia um processo de busca da liberdade feminina, eliminando de forma mais pujante todas as formas de violência à mulher (GONÇALVES, 2016).

Portanto, as transformações sociais contribuíram para que as gerações antecessoras tentassem impor seus construtos culturais, frutos da extrema submissão das mulheres e da desigualdade de gênero, às gerações mais novas. Entretanto, como mecanismo de resistência as imposições históricas impostas pelas gerações predecessoras, as novas gerações buscaram soluções na modernidade e demonstraram maior empoderamento (RODRIGUES; OLIVEIRA; SOARES, 2016). Evidencia-se que, cada geração apresenta uma percepção sobre a violência contra a mulher, com fragmentos ideológicos e culturais das gerações anteriores, mas delimitando ao mesmo tempo a sua individualidade (ALMEIDA; MAGALHÃES, FÉRES-CARNEIRO, 2014).

Assim, demonstram-se nos depoimentos abaixo, diferentes formas de se perceber o fenômeno da violência ao longo das gerações:

[...] nunca apanhei, mas estou cansada de saber que a vizinha apanhou, e na minha época a gente não podia fazer nada, eles eram casados, quem sou eu para me meter?. Penso que no casamento os dois devem se resolver sozinhos, principalmente nesse assunto [...] **Selene 1ª Ger.**

[...] uma covardia. Hoje em dia está mais debatido, está bem mais abrangente e estão tendo mais conscientização, principalmente as mulheres que sofrem a violência doméstica são mais conscientes que é necessário fazer a denúncia [...] **Aura 2ª Ger.**

[...] com essa Lei Maria da Penha muitas mulheres puderam abrir as correntes, puderam falar, denunciar, fizeram com que seus maridos pagassem. Teve um grande avanço com essa lei no sentido de que a violência contra mulher não é hoje mais um tabu [...] **Hera 3ª Ger.**

Percebe-se que, a 1ª geração tem uma percepção negativa sobre a violência contra a mulher embora ainda não entenda a importância dos meios judiciais e das políticas públicas como se verifica na 2ª e 3ª geração. Fica nítido que a transmissibilidade de informações e percepção sobre a violência contra a mulher é modificada ao longo do tempo.

Porém, nota-se que o empoderamento feminino para romper com a naturalização da violência começa a ser transmitido ao longo das gerações, o que revela novas percepções, como evidenciada a seguir:

[...] homem enquanto marido tem que respeitar sua mulher [...] **Selene 1ª Ger.**

[...] aprendi que homem tem que respeitar a mulher e se ela for agredida tem que denunciar [...] **Artêmis 2ª Ger.**

[...] minha mãe falava muito que mulher tinha que ser respeitada e isso eu aprendi [...] **Afrodite 3ª Ger.**

Entende-se que, a construção igualitária dos papéis de gênero dentro da família associada à transmissibilidade adequada de valores, normas e regras de componente geracional pode contribuir para a minimização ou extirpação do fenômeno da violência contra a mulher, promovendo novas significações e mudanças no comportamento (RODRIGUES et al., 2016).

Experiências e/ou vivências geracionais de violência contra a mulher no seio familiar

O problema da violência contra a mulher apresenta multicausalidades e ocorre de forma cíclica, modificando-se apenas de acordo com o contexto sociocultural (MOREIRA et al., 2016). Sabe-se que, muitas mulheres permanecem em relações abusivas em virtude da construção familiar e geracional, denotando uma necessidade de subserviência frente aos homens (PAIXÃO et al., 2015).

Tais ideias contribuem para a manutenção das mulheres em relações opressoras, dificultando o rompimento do ciclo da violência, o que acaba por ser transmitido e difundido ao longo das próximas gerações (BRANCAGLIONI; FONSECA, 2016). Muitas vezes, os familiares não sabem lidar com as situações de violência por desconhecimento das redes de ajuda e proteção à mulher, inculcando nas mesmas a necessidade de manutenção dos relacionamentos mesmo diante de um crime, como visto nos depoimentos abaixo:

[...] minha filha apanhava muito do marido, ele bebia e usava droga, ela chegava aqui com as marcas roxas, eu perguntava o que tinha acontecido, mas ela nunca falava nada e eu não podia falar, eu não me metia, ela ficava apanhada [...] **Selene 1ª Ger.**

[...] me separei em função da violência psicológica, aquele relacionamento abusivo do cara tá te traindo, então me permitir viver isso e escuto muito entre minhas primas e minha mãe, todo homem é assim, você não vai ter ninguém [...] **Nice 2ª Ger.**

[...] minha tia era agredida pelo marido. Saía de casa e vinha para casa de minha avó, ele vinha bater aqui e depois de alguns dias ela voltava para casa, por que ele era marido dela, a gente não podia fazer nada [...] **Perséfone 3ª Ger.**

Evidencia-se que, as experiências de violência decorrem da violência de gênero, ou seja, simplesmente pelo fato de ser mulher. As mulheres de diferentes gerações demonstram nas suas falas uma submissão em relação à figura masculina no seio da família, revelando menor empoderamento social pela posição de poder e força atribuída aos homens (ELIAS; GAUER, 2014).

Nota-se então que, o modelo androcêntrico que permanece incutido nas vivências cotidianas entre familiares associado à influência midiática, possibilita que as mulheres naturalizem as situações de violência e acabem transmitindo as outras mulheres (ROMAGNOLI; ABREU; SILVEIRA, 2013). Assim, as mulheres de distintas gerações reproduzem pensamentos e atitudes machistas entre si, como revelado nos discursos abaixo:

[...] meu vizinho brigava muito com a mulher, chamava de várias coisas, coisas terríveis, agora se isso é considerado violência, vai depender do momento, da raiva, apesar de saber de tudo nunca me intrometi, eles são casados [...] **Bia 1ª Ger.**

[...] hoje em dia, as mulheres não querem nem saber, dizem que vão para tal lugar e se o marido disser que não, elas não querem saber se vão ficar juntos no outro dia, elas são mais teimosas, sem saber que o homem é a cabeça [...] **Héstia 2ª Ger.**

[...] teve uma amiga que apanhou, apanhou não, em uma festa ela ficou alterada e o namorado alterado também. Ela bateu na cara do namorado e o namorado deu um muro nela, e aí no final ela falou que mereceu, são dois pesos e duas medidas, temos que ver [...] **Hera 3ª Ger.**

Verifica-se que, as depoentes culpabilizam a figura feminina pela situação de violência vivida, tendo dificuldade em reconhecer o machismo nos seus discursos (SOUZA, 2015). Além disso, observa-se que as mulheres idealizam as relações conjugais, familiares e sociais como puramente afetivas, adquirindo essa herança de valores e atitudes ao longo das gerações (BRANCAGLIONI; FONSECA, 2016).

Por outro lado, identifica-se um número cada vez maior de mulheres que conseguem romper com o ciclo de violência em virtude do seu crescente empoderamento financeiro, emocional, cultural e social associado às políticas públicas e as redes de enfrentamento à violência no país (BANDEIRA, 2014). Para tanto, torna-se fundamental operar cada vez mais com as relações intergeracionais sobre a violência contra a mulher. Isto pode se dar em três momentos: o primeiro consiste no aprendizado de todo o contexto da geração precedente; o segundo momento, analisar a construção da identidade de cada geração e sua relação com as ascendentes e descendentes; e o

terceiro momento, perceber a imposição das gerações mais jovens sobre as novas maneiras de se ver e viver o mundo (MOREIRA; NASCIMENTO, 2012).

Nesse sentido, entende-se que as percepções sobre a violência contra a mulher transitam positivamente ou negativamente no decorrer das gerações. Observa-se que, a 1ª geração naturaliza mais fortemente a violência contra a mulher, pois foram ensinadas sobre a subordinação aos homens nas relações familiares e conjugais como destino imutável. Por sua vez, a 2ª geração começa um processo de ruptura sobre os constructos da geração predecessora em decorrência do novo cenário social com inserção da mulher no mercado de trabalho, surgimento de programas e políticas públicas no enfrentamento à violência e maior empoderamento feminino. Na 3ª geração, evidencia-se a maior mobilização contra o fenômeno da violência, pois estas mulheres cresceram imbuídas dos aspectos da sororidade, da formação das redes de proteção e enfrentamento, da criação dos órgãos de apoio judicial além do contato com as tecnologias midiáticas para o combate ao crime (COMAZZETO et al., 2016).

Dessa maneira, as mulheres das gerações mais jovens influenciam as antecessoras a se empoderarem gradativamente e repudiar as diversas formas de violência vivenciadas no cotidiano, como apresentado a seguir:

[...] já passei por uma situação, uma secretária minha foi agredida e apareceu na minha casa cheia de hematomas no rosto e eu a conduzi até a delegacia para denunciar o indivíduo que tinha feito aquilo com ela... no caso foi o marido [...] **Deméter 1ª Ger.**

[...] vivi com meu ex-marido que por ciúmes, um ciúmes doentio, não me deixava sair, não deixava estudar, me agredia verbalmente. Aí eu dei um basta e fui embora de casa [...] **Iris 2ª Ger.**

[...] já vivi e enfrentei, sem medo. Aconteceu que meu namorado, me pegou a força, me chamou de vagabunda, não aguentei aquilo, enfrentei essa situação e terminei com ele [...] **Afrodite 3ª Ger.**

Nota-se ainda que, as primeiras gerações acabam por revelar situações de violência física, fatos mais comuns na época em que viveram. Por sua vez, as novas gerações caracterizam a violência física, mas reconhecem outras modalidades como o assédio e o abuso, resultado da influência midiática e da criação de órgãos e instâncias de denúncia.

Evidencia-se que, as distintas gerações sinalizam um avanço no que tange ao constructo da violência contra a mulher, quer seja por parte da influência paterna ou materna, o que é revelado nos depoimentos abaixo:

[...] minha mãe sempre dizia a meu pai: apanhar não, não aceito. Então, isso ficou em mim, as coisas que minha mãe falava [...] **Bia 1ª Ger.**

[...] meu pai dizia que em mulher não se bate, não se deve nunca levantar a mão, porque eu e minhas irmãs iríamos ter que aceitar? [...] **Artêmis 2ª Ger.**

[...] minha mãe falava muito que mulher tinha que ser respeitada, ter sua independência e não aceitar de maneira alguma qualquer tipo de violência, de agressão. Mulher não merece isso [...] **Afrodite 3ª Ger.**

Constata-se que, as experiências e/ou vivências de violência contra a mulher ancoram-se no modelo patriarcal, sendo fundamental atuar sobre esse fenômeno no intuito de proteger às mulheres de diferentes idades e estratos sociais.

Conclusão

Conclui-se que, as percepções de mulheres da mesma família e diferentes gerações sobre a violência são influenciadas pelas construções sociais de gênero e por trajetórias históricas e culturais que modificam as ideologias.

Evidencia-se que, as mulheres compreendem a violência de maneiras distintas no decorrer de suas gerações. Observa-se que, as mulheres da 1ª geração naturalizam mais a violência e carregam normas, condutas e marcas das vivências com as mulheres das gerações predecessoras. Nota-se que, as mulheres da 2ª e 3ª geração tentam romper com valores e comportamentos de submissão feminina transmitidos pela família e ao longo das gerações, tornando-se mais empoderadas socialmente.

Por fim, entende-se a importância no desvelamento das percepções de mulheres da mesma família e de diferentes gerações no enfrentamento desse grave problema de saúde pública. Não basta desenvolver estratégias para conhecer, coibir ou enfrentar esse fenômeno no âmbito individual. Torna-se necessário, trabalhar com as questões familiares e geracionais que contribuem para a naturalização da violência entre as mulheres, dificultando que tal problemática seja expurgada do âmbito social.

Referências

ALMEIDA, Maria Elisa; MAGALHÃES, Andrea Seixá; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Transmissão Geracional da Profissão na Família: Repetição e Diferenciação. **Rev Psico**, v. 45, n. 4, p. 454-62, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/15344-78382-1-PB.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2017.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Revista Sociedade e Estado**, v. 29, n. 2, p. 449-69, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v29n2/08.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº 466/12**. Brasília (MS): 2012

BRANCAGLIONI, Bianca de Cássia Alvarez; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa. Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise de gênero e geração. **Rev bras enferm**, v. 69, n. 5, p. 946-55, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v69n5/0034-7167-reben-69-05-0946.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2017.

COMAZZETO, Letícia Reghelin et al. A Geração Y no Mercado de Trabalho: um Estudo Comparativo entre Gerações. **Psicol ciênc prof**, v. 36, n. 1, p. 145-57, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n1/1982-3703-pcp-36-1-0145.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2017.

COSTA, Marta Cocco; LOPES, Marta Julia Marques; SOARES, Joannie dos Santos Fachinelli. Representações sociais da violência contra mulheres rurais: desvelando sentidos em múltiplos olhares. **Rev Esc Enfermagem USP**, v. 48, n. 2, p. 214-22, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/reusp/v48n2/pt_0080-6234-reusp-48-02-214.pdf. Acesso em: 20 mai. 2017.

ELIAS, Miriam Freitas; GAUER, Gabriel José Chittó. Violência de gênero e o impacto na família: Educando para uma mudança na cultura patriarcal. **Sistema Penal & Violência**, v. 6, n. 1, p. 117-28, 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/sistemapenaleviolencia/article/view/16637/11629>. Acesso em: 18 nov. 2016.

GOIS, Dalva Azevedo. Famílias: Aportes teórico-metodológicos para o debate no âmbito do Serviço Social. **Serviço Social e Saúde**, v. 13, n. 2, p. 189-204, 2014. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/sss/article/download/8634900/2798&gws_rd=cr&ei=A18gWdZggbLABJaCnIgm. Acesso em: 20 mai. 2017.

GONÇALVES, Eliane. Renovar, inovar, rejuvenescer: processo de transmissão, formação e permanência no feminismo brasileiro entre 1980-2010. **Rev bras sociol**, v. 4, n. 7, p. 341-70, 2016. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/revista/index.php/RBS/article/download/160/102>. Acesso em: 20 mai. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**. 15. ed. São Paulo: Vozes, 2013. 184p.

MOREIRA, Michelle Araújo et al. Impactos da violência perpetrada contra adolescentes na qualidade de vida. **Arq Ciênc Saúde**, v. 23, n. 4, p. 54-60, 2016. Disponível em: <http://www.cienciasdasaude.famerp.br/index.php/racs/article/view/484>. Acesso em: 20 mai. 2017.

MOREIRA, Michelle Araújo; NASCIMENTO, Enilda Rosendo. A interseccionalidade família, geração e amamentação. **Rev Kairós**, v. 15, n. 5, p. 191-208, 2012. Disponível em: [file:///C:/Users/user/Downloads/8941-37230-2-PB%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/8941-37230-2-PB%20(4).pdf). Acesso em: 09 jun. 2017.

OLIVEIRA, Patrícia Peres et al. Mulheres Vítimas de Violência Doméstica: uma abordagem fenomenológica. **Texto & contexto enferm**, v. 24, n. 1, p. 196-203, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tce/v24n1/pt_0104-0707-tce-24-01-00196.pdf. Acesso em: 10 jun. 2017.

PAIXÃO, Gilvânia Patrícia do Nascimento et al. Mulheres vivenciando a intergeracionalidade da violência conjugal. **Rev latinoam enferm**, v. 23, n. 5, p. 874-9, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n5/pt_0104-1169-rlae-23-05-00874.pdf. Acesso em: 18 nov. 2016.

RAZERA, Josiane; CENCI, Cláudia Mara Bosetto; FALCKE, Denise. Violência Doméstica e Transgeracionalidade: um estudo de caso. **Rev psicol IMED**, v. 6, n. 1, p. 47-51, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5154960.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2016.

RODRIGUES, Joice Meire; OLIVEIRA, Thiago Dornelas; SOARES, Gustavo Fonseca Genelhu. Análise de gênero sobre as práticas de amamentação de três gerações: avó- filha- neta. **Pensar Acadêmico**, v. 14, n. 2, p. 91-9, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/21-119-1-PB.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2017.

RODRIGUES, Vanda Palmarella et al. Relações Familiares no Contexto de Violência de Gênero. **Texto & contexto enferm**, v. 25, n. 3, p. 1-9, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tce/v25n3/pt_0104-0707-tce-25-03-2530015.pdf. Acesso em: 20 mai. 2017.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho; ABREU, Leila Lúcia Gusmão; SILVEIRA, Marise Fagundes. A violência contra a mulher em Montes Claros: análise estatística. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 6, n. 2, p. 282-97, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a10.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2017.

SILVA, Juliana Guimarães; VALADARES, Fabiana Castelo; SOUZA, Edinilsa Ramos. O desafio de compreender a consequência fatal da violência em dois municípios brasileiros. **Interface comun saúde educ**, v. 17, n. 46, p. 535-47, 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/1801/180128561004.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2016.

SILVA, Lídia Ester Lopes; OLIVEIRA, Maria Liz Cunha. Violência contra a mulher: revisão sistemática da produção científica nacional no período de 2009 a 2013. **Ciênc saúde coletiva**, v. 20, n. 11, p. 3523-32, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n11/1413-8123-csc-20-11-3523.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2016.

SOUZA, Tatiana Machiavelli Carmo. Mas o que é o amor? Representações Sociais em mulheres em contexto de violência doméstica. **Perspectivas em Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 162-78, 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/30542/16627>. Acesso em: 28 mai. 2017.

TAVARES, Ana Carolina Cerveira; NERY, Inez Sampaio. As repercussões da violência de gênero nas trajetórias educacionais de mulheres. **Rev Katálysis**, v. 19, n. 2, p. 241-50, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v19n2/1982-0259-rk-19-02-00241.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2017.